

Hoje, Mestre, lamentando embora o tempo que também perdi na Terra, iludido e envenenado quanto os outros homens, lembrando-Te ainda na cruz afrontosa, sózinho em Tua exemplificação de amor e renúncia, abnegação e martírio, ouso interrogar-Te, com as lágrimas de meu profundo arrependimento:

— Senhor, onde estão os renovadores que Te acompanham?

II

MÃOS ENFERRUJADAS

Quando Joaquim Sucupira abandonou o corpo, depois dos sessenta anos, deixou nos conhecidos a impressão de que subiria incontinente ao Céu. Vivera arredado do mundo, no conforto precioso que herdara dos pais. Falava pouco, andava menos, agia nunca.

Era visto invariavelmente em trajes impecáveis. A gravata ostentava sempre uma pérola de alto preço, pequena orquídea assinalava a lapela, e o lenço, admiravelmente dobrado, caía, irrepreensível, do bolso mirim. O rosto denunciava-lhe o apurado culto às maneiras distintas. Buscava, no barbeiro cuidadoso, cada manhã, renovada expressão juvenil. Os cabelos bem postos, embora escassos, cobriam-lhe o crânio com o esmero possível.

Dizia-se cristão e, realmente, se vivia isolado, não fazia mal sequer a uma formiga. Assegurava, porém, o pavor que o possuia, ante os religiosos de todos os matizes. Detestava os padres católicos, criticava as organizações protestantes e categorizava os espiritistas no rol dos loucos. Aceitava Jesus a seu modo, não segundo o próprio Jesus.

As facilidades econômicas transitórias adiavam-lhe as lições benfeitoras do concurso fraterno, no campo da vida.

Estudava, estudava, estudava...

E cada vez mais se convencia de que as melhores diretrizes eram as dele mesmo. Afastamento individual para evitar complicações e desgostos. Admitia, sem rebuços, que assim efetuaria preparação adequada para a existência depois do sepulcro. Em vista disso, a desencarnação de homem

tão cauteloso em preservar-se, passaria por viagem sem escalas com destino à Corte Celeste.

Dava aos familiares dinheiro suficiente para aventuras e fantasias, a fim de não ser incomodado por eles; distribuia esmolas vultosas, para que os problemas de caridade não lhe visitassem o lar; afastava-se do mundo para não pecar. Não seria Joaquim — perguntavam amigos íntimos — o tipo do religioso perfeito? Distante de todas as complicações da experiência humana, pela força da fortuna sólida que herdara dos parentes, seria impossível que não conquistasse o paraíso.

Contudo, a realidade que o defrontava agora não correspondia à expectativa geral.

Sucupira desencarnado ingressara numa esfera de ação, dentro da qual parecia não ser percebido pelos grandes servidores celestiais. Via-os em movimentação brilhante, nos campos e nas cidades. Segredavam ordens divinas aos ouvidos de todas as pessoas em serviço digno. Chegara a ver um anjo singularmente abraçado a velha cozinheira analfabeta.

Em se aproximando, todavia, dos Mensageiros do Céu, não era por eles atendido.

Conseguia andar, ver, ouvir, pensar. No entanto — desventurado Joaquim! — as mãos e os braços mantinham-se inertes. Semelhavam-se a antenas de mármore, irremediavelmente ligadas ao corpo espiritual. Se intentava matar a sede ou a fome, obrigava-se a cair de bruços, porque não dispunha de mãos amigas que o ajudassem.

Muito tempo suportara semelhante infortúnio, multiplicando apelos e lágrimas, quando foi conduzido por entidade caridosa a pequeno tribunal de socorro, que funcionava de tempos a tempos, nas regiões inferiores onde vivia compungido.

O benfeitor que desempenhava ali funções de juiz, reunida a assembleia de espíritos penitentes, declarou não contar com muito tempo, em face das obrigações que o prendiam nos círculos mais altos

e que viera até ali sómente para liquidar os casos mais dolorosos e urgentes.

Devotados companheiros do bem selecionaram a meia dúzia de sofredores que poderiam ser ouvidos, dentre os quais, por último, figurou Sucupira, a exibir os braços petrificados.

Chorou, rogou, lamuriou-se. Quando pareceu disposto a fazer o relatório geral e circunstanciado da existência finda, o julgador obtemperou:

— Não, meu amigo, não trate de sua biografia. O tempo é curto. Vamos ao que interessa.

Examinou-o detidamente e observou, passados alguns instantes:

— Sua maravilhosa acuidade mental demonstra que estudou muitíssimo.

Fez pequeno intervalo e entrou a arguir:

— Joaquim, você era casado?

— Sim.

— Zelava a residência?

— Minha mulher cuidava de tudo.

— Foi pai?

— Sim.

— Cuidava dos filhos em pequeninos?

— Tínhamos suficiente número de criadas e amas.

— E quando jovens?

— Eram naturalmente entregues aos professores.

— Exerceu alguma profissão útil?

— Não tinha necessidade de trabalhar para ganhar o pão.

— Nunca sofreu dor de cabeça pelos amigos?

— Sempre fugi, receoso, das amizades. Não queria prejudicar, nem ser prejudicado.

O julgador interrompeu-se, refletiu longamente e prosseguiu:

— Você adotou alguma religião?

— Sim, eu era cristão — esclareceu Sucupira.

— Ajudava os católicos?

— Não. Detestava os sacerdotes.

- Cooperava com as igrejas reformadas?
- De modo algum. São excessivamente intolerantes.
- Acompanhava os espiritistas?
- Não. Temia-lhes a presença.
- Amparou doentes, em nome do Cristo?
- A Terra tem numerosos enfermeiros.
- Auxiliou criancinhas abandonadas?
- Há creches por toda parte.
- Escreveu alguma página consoladora?
- Para quê? o mundo está cheio de livros e escritores.
- Utilizava o martelo ou o pincel?
- Absolutamente.
- Socorreu animais desprotegidos?
- Não.
- Agradava-lhe cultivar a terra?
- Nunca.
- Plantou árvores benfeitoras?
- Também não.
- Dedicou-se ao serviço de condução das águas, protegendo paisagens empobrecidas?

Sucupira fez um gesto de desdém e informou:

- Jamais pensei nisto.

O instrutor indagou-lhe sobre todas as atividades dignas conhecidas no Planeta. Ao fim do interrogatório, opinou sem delongas:

- Seu caso explica-se: você tem as mãos enferrujadas.

Ante a careta do interlocutor amargurado, esclareceu:

- E' o talento não usado, meu amigo. Seu remédio é regressar à lição. Repita o curso terrestre.

Joaquim, confundido, desejava mais amplas elucidações.

O juiz, porém, sem tempo de ouvi-lo, entregou-o aos cuidados de outro companheiro.

Rogerio, carioca desencarnado, tipo 1945, recebeu-o de semblante amável e feliz e, após es-

cutar-lhe compridas lamentações, convidou, pacientemente:

— Vamos, Sucupira. Você entrará na fila em breves dias.

— Fila? — interrogou o infeliz, boquiaberto.

— Sim, — acrescentou o alegre ajudante — na fila da reencarnação.

E, puxando o paralítico pelos ombros, concluia, sorrindo:

— O que você precisa, Joaquim, é de movimento...